

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora

Class.: 1122

Data: 02.03.92

Pg.: \_\_\_\_\_

### Denúncias de destruição da reserva

**Ministério Público vai apurar ação dos índios no desmatamento de áreas destinadas à preservação. Caingangues se defendem e acusam os brancos**

CLÁRMIA GLOCK

Editorial Local ZH

O Ministério Público apresentou à Justiça duas ações civis públicas, em que pretende apurar os danos causados ao Parque Florestal de Nonoai e que teriam sido causados pelos 600 índios caingangues que invadiram a área no dia 14 de fevereiro. A solicitação do Ministério Público indica ainda que ninguém pode tocar nas árvores e na mata nativa do parque — nem os índios, nem os brancos, nem os madeireiros —, observa o promotor de Justiça de Nonoai, Luis Antônio Portela.

As ações movidas pelo promotor atendem os pedidos de muitos brancos, que perderam o sono quando os índios ocuparam o parque. São brancos que reconhecem o direito constitucional e histórico dos índios pela terra, mas que lutam também pela defesa do meio ambiente.

O parque é uma das últimas grandes reservas florestais do Estado, lo-



**Guerra:** caingangues se prepararam para resistir a uma possível expulsão, reunindo suas rudimentares armas

calizada na zona de transição entre as matas de araucárias ou de folhas largas (latifoliadas). "São dois interesses jurídicos tutelados: o do índio e o do meio ambiente", admite o promotor de Nonoai. "Só que a mata não tem quem grite por ela e isso é responsabilidade nossa", acrescenta:

Portela lembra que os 14 mil hectares da área indígena em Nonoai estão completamente depredados, e quem ganha com isso são os madeireiros e alguns brancos. Ele aponta a existência de inquéritos que provam a conivência da Funai com a derrubada de árvores e a condescendência de

alguns índios. Segundo o promotor, há interesses eleitorais insuflando os indígenas. Por isso, avisa que, se houver qualquer problema, ou se uma gota de sangue for derramada, os políticos da Funai e as lideranças indígenas terão de responder criminalmente.

### O símbolo de uma luta antiga

Em maio de 1978, um cacique caingangue modificou a história de sua tribo. Nelson Jacinto Xangré, tinha então 32 anos e uma certeza: era preciso expulsar os colonos invasores da terra dos índios, em Nonoai. A batalha teve sucesso, mas Xangré teve que se afastar da reserva um tempo depois disso, com medo de represálias dos brancos. Quatorze anos depois, o índio está de volta à luta, como conselheiro do cacique José Orestes do Nascimento, o Zé Lopes, que lidera um grupo de índios na ocupação do Parque Florestal de Nonoai, desde o dia 14 de fevereiro.

Nelson Xangré participou da ocupação e esteve presente nas reuniões de negociação com o governo do Estado, em Porto Alegre, quando procuraram falar com o governador Alceu Collares e nada conseguiram. Ele deu seu depoimento no dia 29 de fevereiro, na casa de Zé Lopes, data em que o juiz de plantão no Tribunal de Alçada, Sérgio Giselkow Pereira, cassou a liminar que mandava expulsar os índios do parque. Seu discurso é o símbolo de uma luta antiga.

"A gente vê que tem ainda terra pra conquista de volta, que por lei o índio tem direito de reclamar e recuperar de volta, para isso existe Justiça. Por que nós temos a justiça do branco e quando o índio reage a seu direito a justiça não funciona? Tem que funcionar, né?"

Se o governo brasileiro não quer que existe conflito no Brasil tem que devolvê todas as terras dos índios. Mas a gente já não confia, desde a época do primeiro chefe do posto aqui em Nonoai que sempre falava que os arrendatários iam sair — no começo foi o arrendatário, depois a invasão dos colonos em 1963/64.

Até hoje os colonos procuram conscientizar mal os índios, querem fazer negociação que não cabe por lei nas áreas. Eles sabem que tão em cima das terras que não é deles, então são obrigados a se preocupar. Tem colono já ameaçando de matar índio se o índio for mexer nas terras deles. A gente não confia mais em resposta que vai chegar da justiça, porque todo esse tempo que ficou invadida a área indígena, ficamos esperando 16 anos e não vimos nada."



**Miséria:** na luta pela recuperação da terra, crianças são as que mais sofrem

### Campo de futebol, uma área desmatada no parque

Uma cancha de futebol em frente a um cemitério indígena não parece caracterizar exatamente um Parque Florestal. No parque de Nonoai, ocupado pelos índios no dia 14 de fevereiro, a cancha e até as estacas circundando a área, que os índios afirmam de pés juntos que é um cemitério, são uma realidade. Uma estrada improvisada leva ao campo onde os índios jogavam futebol no

último sábado, dia em que o cacique José Orestes do Nascimento comunicou aos caingangues que estava suspensa a expulsão deles da área.

A cassação da liminar que dava como certa a reintegração da área ao Estado deixou os índios aliviados. Eles brincaram em torno da cruz de madeira que marca o local do cemitério de seus antepassados e também na hora de tirar uma foto em torno

de uma panela vazia.

O alívio dos índios contrapôs-se à preocupação dobrada do diretor do Parque Florestal, Ariel Rossato. Ele diz que não lembra de nenhuma estaca marcando o local que os índios dizem ser do cemitério, e imagina que a área do campo de futebol tenha sido desmatada, pelos indígenas.

Por sua vez, o cacique José Orestes

do Nascimento, o Zé Lopes, está ansioso para que acabe logo o período de feriados devido ao carnaval. Zé Lopes, que confirmou à equipe de Zero Hora a sua candidatura a vereador pelo novo município de Gramado dos Loureiros, pelo PDS, vai viajar a Brasília para negociar com o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai) os próximos passos quanto ao Parque de Nonoai.